



# O DEFINHAMENTO DO “MUNDO RURAL TRADICIONAL” DA REGIÃO DO SERIDÓ NA TRANSIÇÃO PARA O PERÍODO DA GLOBALIZAÇÃO

---

**Santiago Andrade Vasconcelos**  
*Universidade Federal de Campina Grande*

## **Resumo**

O presente estudo consiste em analisar o “mundo rural tradicional” da região do Seridó, Brasil. Ela é formada pelas microrregiões do Seridó da Paraíba e pelas microrregiões do Seridó do Rio Grande do Norte. A principal preocupação eleita aqui é analisar o rural da região Seridó diante da globalização e às modernizações territoriais do meio técnico-científico-informacional que foram marcando-a em sua transição para o século XXI. Assim constatou-se que houve um definhamento do “mundo rural tradicional” no Seridó concomitante com uma crise regional. Entre outros fatores, o definhamento foi fruto das modernizações produtivas advindas do período da globalização, uma vez que o Seridó não internalizou-as e assim perdeu a capacidade produtiva e de inserção nos mercados que antes movimentavam economicamente a região.

**Palavras-chave:** Mundo rural; região Seridó; período da globalização.

## ***THE DECAY THE TRADITIONAL RURAL WORLD OF THE SERIDÓ REGION THE TRANSITION TO THE PERIOD OF GLOBALIZATION***

---

## **Abstract**

The present study is to analyze the "traditional rural world" of the Seridó region, Brazil. It is formed by the micro-regions of the Paraíba and the micro-regions of Rio Grande do Norte. The main concern here is to analyze the elected rural Seridó the region in the face of globalization and the modernization and territorial technical-scientific-informational medium who were marking it in its transition to the 21<sup>ST</sup> century. Thus it was found that there was a withering of “traditional rural world” in concomitant Seridó with a regional crisis. Among other factors, the wasting was the result of production modernization resulting from the globalization of the period, once internalized Seridó not lost and so the production capacity and market insertion economically than before moved region.

**Keywords:** Rural world; Seridó region; period of globalization.

## INTRODUÇÃO

O foco espacial do presente estudo é a região do Seridó. Ela é formada pelas microrregiões do Seridó paraibano e microrregiões do Seridó potiguar. O recorte temporal compreende as décadas entre 1970-2010. A principal preocupação posta em relevo é analisar a região do Seridó diante da globalização e às modernizações territoriais do meio técnico-científico-informacional que foram marcando-a em sua transição para o século XXI. O âmagô da pesquisa é o “mundo rural” enquanto recorte territorial de verificação empírica das transformações rumo ao hodierno.

Consideramos que para entender o espaço atual, “um caminho seria partir da totalidade concreta como ela se apresenta nesse período da globalização – uma totalidade empírica – para examinar as relações efetivas entre a Totalidade-Mundo e os Lugares” (SANTOS, 2002, p. 115). Metodologicamente, acrescenta o autor, o caminho seria “revisitar o movimento do universal para o particular e vice-versa, reexaminando, sob esse ângulo, o papel dos eventos e da divisão do trabalho como uma mediação indispensável” (p. 115). Para Isnard (1985, p. 543 apud SILVEIRA, 1999, p. 422), “uma região geográfica não se transforma em bloco [...], a mudança pode se exercer sobre um dos seus elementos constitutivos e esbarrar na resistência de outros”. Por isso, acrescenta o autor, é preciso “fazer aparecer essa ausência de contemporaneidade na estrutura do presente, entre aquilo que pertence ainda ao passado e o que anuncia já o porvir”. Para alcançar os objetivos ligados à realidade empírica escolhida para ser estudada, utilizou-se como estratégia metodológica, confrontar variadas referências teóricas aos dados empíricos oriundos da região do Seridó.

Os dados empíricos foram coletados na historiografia regional e em trabalhos acadêmicos (em sua maior parte qualitativos), já os quantitativos foram colhidos junto ao Ipeadata do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) que organiza dados de diferentes instituições. Os dados utilizados ao longo do texto são de vários Censos Agropecuário realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), compilados via o Ipeadata (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2014).

### **A crise regional do Seridó no fim do século XX e limiar do XXI: o definhamento do “mundo rural tradicional”**

O arcabouço regional do Seridó foi formado a partir do uso do seu território pela pecuária, agricultura alimentar de subsistência e a agricultura comercial cotonicultora voltada para a emergente indústria têxtil europeia. Inicialmente essa foi à base embrionária de formação da região nos séculos XVIII e XIX. Contudo, nas primeiras décadas do século XX, seu território passa a ser usado também pela mineração, que consolidará o tripé produtivo-funcional (agricultura, pecuária e mineração). A pecuária, a agricultura alimentar e a cotonicultura somada à mineração são atividades que se consolidaram na definição da economia regional, sendo elas responsáveis pela funcionalização territorial frente às diferentes divisões territoriais do trabalho ao longo do tempo.

A região do Seridó por estar localizada no semiárido brasileiro caracteriza-se por enfrentar periodicamente crises hídricas que afetam a sociedade e a economia, chegando a resultar em graves crises regionais. Com o passar do tempo, várias obras hídricas foram construídas, mas elas por si só não foram capazes de ser, nem de longe, a esperada panaceia para a região. Na verdade, verifica-se que as constantes secas não são as únicas responsáveis pelas crises econômicas regionais. Trata-se de questões estruturais amplas que fogem aos desígnios da natureza.

Desde que a região consolidou sua economia na pecuária, no algodão, na agricultura de subsistência e na mineração, crises periódicas foram constantes, afetando um ou mais setores da base econômica. Algumas destas crises tiveram ligações com questões relativas às secas, porém, muitas estão relacionadas ao mercado (nacional e internacional) e a questões produtivas e conjunturais.

Enfatizando o recorte temporal abarcado pelo presente estudo, vale destacar a conjuntura nacional do final da década de 1970 e de 1980, por essa ser marcada por conturbações e crises (políticas, econômicas, sociais, institucionais). No plano político-institucional destaca-se a transição do regime da ditadura militar para o regime democrático e a mudança do arcabouço normativo com a promulgação da nova Constituição. No plano econômico, a chamada “crise da dívida,” ocasionada pela elevação dos juros da dívida externa marca a década de 1980 com a quebra do ritmo de crescimento econômico e grande aumento da inflação. Ao retratar o ambiente econômico da década de 1980, Lacerda (1999, p. 88) afirma que,

dessa forma, o Brasil que, do pós-guerra até o final dos [19]70, vinha apresentando uma taxa média de crescimento anual da ordem de 7%, passou a conviver com um cenário adverso. Em contraponto aos anos de crescimento acelerado, o novo cenário contemplava não apenas a estagnação econômica como também a queda da taxa de investimento, o recrudescimento da inflação e o conseqüente agravamento das desigualdades sociais.

No ambiente internacional, nos países centrais, a conjuntura dos anos 1970/1980 é marcada pelo processo acentuado de globalização e de reestruturação produtiva, redesenhando a divisão internacional do trabalho a partir de mudanças estruturais básicas como a chamada “Terceira Revolução Industrial” e a transnacionalização da economia (LACERDA, 1999, p. 52).

É nesse ambiente nacional e internacional dos anos 1970/1980 e sua intensificação a partir dos anos de 1990 que se inicia o processo de crise do “mundo rural tradicional” da região do Seridó. É nesse período também que a globalização vem se afirmando e o meio técnico-científico-informacional se concretizando e se espraiando no território brasileiro enquanto realidade geográfica. Ou seja, é o processo de globalização com suas modernizações que vão se tornando imperiosas, resultando inevitavelmente em impactos nos lugares e regiões.

Com os desdobramentos da crise nacional, nas décadas de 1980/1990 o Seridó acompanha e internaliza o contexto com uma crise regional que marca notoriamente sua transição para o período da globalização. Essa crise regional não é simplesmente o rebatimento da tribulação sofrida pelo país, mas tem a ver com a própria crise do capitalismo marcada pela reestruturação produtiva mundial. Nesse contexto, o espaço agrário do Seridó não foi capaz de se adequar às novas exigências produtivas com base nos novos padrões técnico-científicos da acumulação flexível.

A base produtiva regional conseguiu se manter, mesmo que defasada em relação às áreas mais modernizadas do país, até aproximadamente meados da década de 1980, momento em que um dos principais sustentáculos da economia regional – a produção algodoeira –, não acompanha as exigências da reestruturação produtiva e entra em decadência (FARIAS, 2010). Ao observar os dados dos Censos Agropecuário do IBGE referentes à área colhida e a produção de algodão na região do Seridó, nota-se nitidamente seu acentuado declínio a partir de meados da década de 1980. As curtas variações produtivas e de área colhida verificadas em alguns anos podem ser explicadas em função, principalmente das secas e/ou pragas, contudo, o decréscimo sustentado deixa evidente o praticamente aniquilamento da cotonicultura no espaço agrário da região. No período de 1976-1985, o Seridó apresentou uma média anual de 125.542,9 hectares em área colhida de algodão, enquanto que no período de 1986 a 1995, essa média anual cai praticamente 75%, ficando em 31.765,6 hectares. De 1996 a 2005 a média anual é de 2.243,4 hectares, e de 2006 a 2010 a média anual é de apenas 662,8 hectares de área colhida. Ao se comparar o decênio 1976-1985 com o de 1996-2005 verifica-se que a área colhida deste último não chega a corresponder a 2% do primeiro. Quanto à produção, os dados refletem o declínio da área colhida, diferindo apenas numa maior oscilação, quiçá devido às secas e/ou pragas. A média de produção anual em toneladas nos decênios 1976-1985, 1986-1995, 1996-2005 e no quinquênio 2006-2010 foi respectivamente: 13.060,8; 4.088,1; 720,9 e 362,2 toneladas, atestando a queda acentuada da produção regional.

Constata-se assim que o “ouro branco” do Seridó praticamente desaparece produtivamente de sua economia no caminhar para os anos de 1990, tendo sua confirmação nos primeiros anos do presente século. Embora que, conforme resgatado por Douglas Araújo, na década de 1960 a cotonicultura já apresentava sinais de crise por meio da baixa rentabilidade. Araújo (2006, p. 282), apresenta análises do deputado potiguar Paulo Gonçalves em que este constatou que no período entre 1963-1973 houve um aumento do valor dos insumos (cultivador, enxada manual, enxada cultivador, pulverizador, inseticida e arame farpado) que não foi acompanhado pelo valor do algodão, sendo, portanto, a atividade cotonicultora incapaz de remunerar os fatores da produção como antes. O parlamentar demonstra que o preço corrigido do algodão no período foi de 900% enquanto que o do insumo que recebeu a menor correção ficou em 1.345% (enxada manual), registrando-se também, por exemplo, o inseticida que corrigido atingiu 4.750%.

O setor cotonicultor brasileira como um todo enfrentou sérias dificuldades em função da crise econômica mundial dos anos de 1970, desencadeada principalmente pelos choques do petróleo (1973 e 1979). O diferencial foi que a cotonicultura do centro-sul do país reformulou sua estrutura produtiva,

introduzindo os imperativos do período que estava se firmando (técnica, ciência e informação), ou seja, aplicando modernizações vindas da racionalidade produtiva própria da agricultura científica. Por outro lado, a estrutura produtiva da região do Seridó permaneceu praticamente inalterada, mantendo-se a tradição.

Assim, os espaços que se modernizaram passaram a ser mais produtivos e eficientes, ganhando em competitividade para outros que não acompanharam as modernizações imperiosas do momento, como foi o caso do Seridó, que permaneceu praticando a agricultura nos moldes tradicionais.

Mesmo com toda peculiaridade em termos de qualidade e colocação no mercado que tinha o algodão “Mocó” ou “Seridó”, de fibra longa, típico da região, não conseguiu superar a conjuntura responsável pela crise cotonicultora regional. Nas análises de Santos (2007, p. 240) “a ampliação do parque têxtil, propiciada pelo avanço da tecnologia, repercutiu numa maior utilização da matéria-prima, implicando o uso do algodão de fibra curta”, até então não tão valorizado pelo mercado, afetando, “assim, a produção algodoeira do Seridó caracterizada pelo algodão de fibra longa, passou a configurar-se como matéria-prima sem tanta importância” (SANTOS, 2007, p. 240).

As dificuldades da cultura algodoeira seridoense agravam-se. Além da crise vinda do mercado nacional e internacional e dos impactos da reestruturação produtiva com uma nova redefinição da divisão territorial nacional e internacional do trabalho, a região enfrenta, entre 1979 e 1983, uma forte seca. Assim, os anos de 1980 marcam o definhamento da cotonicultura do Seridó e de praticamente todo o Nordeste semiárido, tendo a praga do bicudo como símbolo do fim de uma das bases principais de sua economia.

A crise do setor cotonicultor que se abateu sobre o Seridó estendeu-se a todo o edifício regional devido o algodão ser, em relação às outras culturas, a que mais remunerava os proprietários de terra e os produtores parceiros. Portanto, “[...] sua crise punha em xeque a continuidade das atividades agrícolas na região e todo o tradicional edifício social rural que, ao longo de sua existência, tinha no campo a sua reprodução real e simbólica” (ARAÚJO, 2006, p. 295).

Ao analisar os dados referentes à área colhida de lavouras temporárias e permanentes no transcurso que contempla o período 1975-2010, verifica-se que as lavouras permanentes despencam e não apresentam tendência de recuperação, enquanto que as lavouras temporárias têm um comportamento marcado pela oscilação, possivelmente sendo ritmadas pelas questões de ordem pluviométrica. Vale notar que a cultura algodoeira prevalecente na região do Seridó era a arbórea (Mocó ou Seridó), ou seja, permanente com ciclo produtivo de aproximadamente oito anos. O comportamento verificado na queda em produção e em área colhida de algodão é acompanhado da queda na área de lavouras permanentes.

As lavouras temporárias tradicionais da região Seridó (milho, feijão, fava, batata, abóbora etc.) são de grande importância no sustento alimentar da sua população. Essas culturas alimentares, principalmente o milho e o feijão, são básicas na composição da mesa do sertanejo nordestino. Ao analisar o comportamento da produção e da área colhida de milho e feijão no período 1976-2010, fica evidente a queda no acumulado decenal, tanto de produção quanto de área colhida,

sentenciando que a crise não atingiu somente a cotonicultura, mas o campo seridoense tradicional como um todo. A partir de meados dos anos 1990 cai significativamente a produção e área colhida na região.

No que diz respeito à pecuária, nossa análise compreende o período 1975-2007, considerando as principais criações: bovinos, caprinos e ovinos. Pode verificar-se que não há aumento ou queda considerável, com exceção para a caprinocultura que praticamente dobrou o efetivo nesses 32 anos, saindo de 31.521 cabeças em 1975, para 62.413 em 2007. Os bovinos, que eram 196.515 cabeças em 1975, receberam um incremento de apenas 16.185 cabeças no transcurso de 32 anos, conferindo 212.700 cabeças em 2007. No caso dos ovinos, houve uma adição de 2.271 cabeças aos 83.506 do efetivo de 1975, totalizando 85.777 cabeças em 2007.

Nos primeiros anos do século atual, pôde-se verificar uma tendência de crescimento, mesmo que não tão acentuado, mas estável nos setores da pecuária analisados, principalmente o bovino. A explicação é encontrada nos programas governamentais recentes de compra garantida de leite às cooperativas de produtores rurais e sua posterior distribuição à população carente. Isso vem proporcionando renda regular aos pecuaristas, fazendo com que eles invistam no melhoramento genético dos rebanhos. Ao verificar o acumulado absoluto da produção leiteira por décadas, constata-se que a produção leiteira vem mantendo crescimento considerável. No decênio 1976-1985, a produção leiteira seridoense acumulada era de 180.343.000 litros, alcançando 272.845.000 litros nos dez anos seguintes (1986-1995) e chegando a 505.457.000 litros de leite na soma dos anos entre 1995-2005. Esses dados representam um salto de 280,3% no comparativo da produção leiteira acumulada do primeiro decênio com o último. Os dados referentes à produção coincidem com o comportamento verificado na quantidade de cabeças de bovinos e caprinos, principalmente quando observado os anos do presente século. Assim, pode-se dizer que enquanto houve uma diminuição da agricultura tradicional, por outro lado, está havendo um recrudescimento da pecuária.

A indústria de derivados do leite impulsiona a pecuária leiteira na região do Seridó, principalmente a do lado potiguar que, desde o início do século desse século já aparece nos relatórios estatísticos com destaque quanto à produção, à comercialização e à qualidade do queijo (IBGE, 1986, p. 260), sendo ainda atualmente uma das mais importantes bacias leiteiras do Rio Grande do Norte. A indústria artesanal de laticínios vem sendo resgatada e ao mesmo tempo está passando por um processo, ainda que tímido, de modernização (refrigeração, embalagem, melhoramento nas condições sanitárias etc.).

Um exemplo de modernização no setor de laticínios é a Unidade de Laticínios Sant'Ana (CERSEL), em Currais Novos – RN. Na CERSEL, são desenvolvidas várias atividades produtivas, tais como: pasteurização do leite; produção do queijo de manteiga; mussarela; minas frescal; minas padrão, de coalho; ricota; requeijão cremoso; bebidas lácteas; iogurte de diversos sabores e manteiga. Essas atividades são desenvolvidas utilizando-se o leite como insumo básico e modernas tecnologias, como análise laboratorial do leite *in natura*, refrigeração e higienização adequada etc. Esses fatores seguramente vêm contribuindo para a tendência de maior dinâmica da pecuária, destacadamente para os rebanhos leiteiros.

Como visto, a pecuária, uma das atividades da base econômica fundadora da região, é um dos setores que vem mostrando recentemente sinais de revigoração. Contudo, o contexto dessa recuperação, ainda que tímido, não se dá sobre as mesmas relações de produção e do modo de produzir que perdurou na região até então. O algodão e as lavouras alimentícias que auxiliavam a atividade criatória fornecendo ração com seus restolhos, não têm mais o mesmo papel, ou melhor, praticamente desapareceu, repercutindo diretamente na organização produtiva.

Os indícios de alguma dinamicidade verificada recentemente na atividade criatória tem ligação com o vácuo deixado pela cotonicultura, uma vez que foi preenchido, em parte, pela pecuária (FARIAS, 2010, p. 149-150). O aumento do consumo de carne, leite e seus derivados também tem impulsionado a pecuária da região. Os melhores resultados do setor têm encorajado alguns pecuaristas a investirem no melhoramento genético, com introdução de novas raças, uso de novas forragens, novas técnicas de manejo etc.

Muito embora possamos verificar no espaço agrário regional uma melhoria no setor da pecuária, essa vem se dando de maneira pontual e setorial, em novas bases mais modernas e desvinculadas das lavouras que marcaram o tradicional consócio gado-algodão-culturas alimentares. Isso resulta num novo rural, bem distinto do anterior que tinha a produção baseada no sistema de parceria e de moradores. Constatou-se que esse sistema que prevalecia nas fazendas de outrora praticamente desapareceu.

A pecuária leiteira atual embora seja importante para região, não consegue trazer a mesma dinamicidade econômica para o espaço agrário seridoense, resultando em crise.

### **Crise regional e ação estatal**

O saldo do ambiente de definhamento do “mundo rural tradicional”, acompanhado de crises econômicas na atividade da mineração foi a instalação da crise regional que marca a passagem do século XX ao XXI. De acordo com a formação econômica regional, qualquer instabilidade em uma das suas bases afeta as outras. A situação se agrava quanto todos os setores da base econômica passam por dificuldades, intensificando a crise, como ocorreu na transição de século. É assim que na cartografia nacional das regiões dinâmicas e luminosas, a região do Seridó torna-se ainda mais periférica e opaca justamente na época de afirmação da globalização.

A conjuntura da economia brasileira da década de 1980 não era favorável ao Seridó, que estava vivenciando o desmoronamento do seu edifício econômico. Em estudo sobre a economia brasileira, Lacerda (1999, p. 87-88) diz que “a crise dos anos [19]80 foi gerada na década anterior”, uma vez que “o Brasil endivida-se no bojo dos objetivos do II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), enquanto eclodiam as duas crises do petróleo e o aumento dos juros internacionais”. O resultado é que a década de 1980, a “década perdida”, representou para economia brasileira a interrupção no processo de crescimento que perdurou desde o pós-guerra até o início do penúltimo decênio do século XX. Diante do contexto nacional não favorável, a crise do Seridó se estende rumo ao século XXI

em que a globalização se afirma cada vez mais enquanto período e suas modernizações se estendem no território como tecnoesfera e como psicoesfera.

A crise econômica brasileira obriga a reconfigurações socioespaciais, o que implica em transformações com rebatimentos específicos nas regiões e lugares. São transformações mais amplas do engate do Brasil na globalização, em que a materialidade do meio técnico-científico-informacional torna-se mais concreta e real, intensificando a participação nacional na economia-mundo. Na análise de Elias (2003, p. 43-44),

a dinâmica econômica e social decorrente da inserção do Brasil na nova ordem econômica mundial refletiu-se fortemente na organização de seu espaço geográfico e na dinâmica populacional, caracterizando um acelerado processo de urbanização e de crescimento populacional que culminou com nova divisão territorial e social do trabalho e, assim, com nova repartição dos instrumentos de trabalho, do emprego e dos homens na superfície do país. [...]. A expansão dos modernos sistemas de engenharia dos transportes e das comunicações, equipando o território nacional para a modernização agrícola e industrial, assim como para a intensificação das trocas comerciais, possibilitou a integração territorial da nação, interligando áreas até então sem nenhum acesso entre si. O resultado foi uma dispersão espacial da produção e do consumo, com conseqüente processo de especialização da produção, estreitando as relações entre as diferentes regiões do país, multiplicando a quantidade de fixos e fluxos, de matéria e de informação, por todo o território nacional.

A integração territorial nacional enquanto parte do projeto de modernização empreendido pelo Estado brasileiro expôs todas as regiões à competitividade entre si. O Seridó com sua base produtiva passa então, a enfrentar a concorrência de outras regiões do país, como é o caso da cotonicultura. Ocorre que as práticas produtivas e os instrumentos de produção da agricultura seridoense permaneceram longe da reestruturação produtiva e dos imperativos do período da globalização. A característica agrícola do Seridó remonta, em geral, ao meio pré-técnico, com grande dependência dos ciclos naturais e uso de instrumentos que são simples prolongamentos rudimentares do corpo, sendo a enxada o principal exemplo. Nessas condições técnicas, a produtividade por área plantada é baixa, comprometendo a competitividade com outras regiões em que a dependência do meio natural é menor devido ao maior uso de instrumentos técnicos maquímicos, com aplicação da ciência e o uso da informação. Enquanto no Seridó a busca por maior produtividade ocorreu com a ampliação da área plantada, em regiões em que as modernizações do período se fizeram presentes, o aumento da produção se deu por meio do uso de máquinas, biotecnologia e insumos químicos. Para poder melhor avaliar a diferença entre os dois tipos de



agricultura, conforme dados de Araújo (2006, p. 328-329), a produtividade do algodão Mocó no Seridó potiguar era de 200 quilos por hectare no início dos anos de 1980, enquanto em São Paulo era de 1.500 quilos.

No que diz respeito à indução da modernização agrícola da região do Seridó por parte do Estado, há registros de tentativas nesse sentido como estações experimentais, seleção de sementes, uso do arado etc., contudo, tais ações parecem não ter surtido efeitos significativos para aumentar a produtividade e propiciar maior capacidade competitiva com outros espaços produtores.

Um exemplo ilustrativo da falta de modernização no campo seridoense é o pouco uso de trator que, para Graziano Neto (1982 apud ELIAS, 2003, p. 77), é o melhor indicador para verificar o grau de modernização tecnológica da agropecuária. O Seridó, ao se aproximar dos dias atuais, em vez de aumentar sua frota de tratores, está diminuindo em números absolutos, contrariando a tendência nacional, principalmente dos subespaços de agricultura científica. Levando em consideração a proporção de tratores por hectares de área colhida, percebe-se que houve uma significativa diminuição. Se em 1975, um trator estava para 1804,6 hectares, em 2006 esse número cai significativamente para 154,1 hectares. Ora, não podemos esquecer que nesse transcurso entre 1975-2006 a área colhida no Seridó também caiu consideravelmente, como foi visto.

Então, a relação trator/hectares diminuiu não pelo aumento do número de tratores, mas pela diminuição da área colhida. Sendo assim, pode-se concluir que o Seridó, consideradas suas peculiaridades, não aplicou as inovações propiciadas pelo período da globalização, permanecendo com seus meios produtivos de um espaço-tempo característico do período anterior ao técnico-científico-informacional, com forte presença ainda de práticas e instrumentos típicos do meio pré-técnico.

Confirmando a crise na agropecuária, ao analisar os dados da quantidade de pessoal ocupado nesse setor, fica evidente que ao longo do período compreendido entre 1975 e 2006, ocorre uma redução significativa. Essa saída de trabalhadores da agropecuária poderia ser explicada pelo processo de modernização do campo que geralmente substitui trabalhadores por máquinas e técnicas mais aperfeiçoadas de produção e organização, expulsando grande contingente de trabalhadores. Mas não foi isso que ocorreu no Seridó. A região não mecanizou sua produção nem introduziu outras técnicas em número significativo. De 78.875 trabalhadores ocupados na agropecuária regional em 1975, o Seridó passa a contar apenas com 43.382 em 2006, reduzindo quase pela metade seu pessoal ocupado. Portanto, esses números apenas são a confirmação da crise instalada no “mundo rural tradicional”.

Outro fator responsável pela inviabilização da agropecuária nos moldes tradicionais, como aponta Araújo (2006), foi o processo de fragmentação das propriedades ocasionado pelas sucessivas heranças, de geração em geração. Essa divisão das terras terminou fazendo com que os herdeiros, dada sua pequena propriedade, não conseguissem mais obter rentabilidade ou mesmo subsistência no campo, contribuindo para migração para as cidades.

Em síntese, pode-se afirmar que o setor agropecuário seridoense, com suas práticas e meios produtivos tradicionais, não conseguiu sobreviver diante da

integração dos mercados nacional e mundial, nem às mudanças produtivas do período em que reina a racionalidade técnico-científica aplicada, que desenvolve uma agropecuária de precisão e mais liberta das limitações de ordem natural. Nesse sentido, Santos (2005, p. 115) tem razão ao afirmar que:

No espaço agrícola, a criação de um mercado unificado, que interessa sobretudo às produções hegemônicas, leva à fragilização das atividades agrícolas periféricas ou marginais, do ponto de vista do uso do capital e das tecnologias mais avançadas. Os estabelecimentos agrícolas que não puderam adotar as novas possibilidades técnicas, financeiras ou organizacionais tornaram-se mais vulneráveis às oscilações de preço, crédito e demanda, o que frequentemente é fatal aos empresários isolados.

Ao lançar seu olhar para as mudanças ocorridas nas décadas recentes no Nordeste, Tânia Bacelar de Araújo constata subespaços dotados de estruturas econômicas modernas e ativas, enquanto

em outras áreas a resistência à mudança permanece sendo a marca principal do ambiente socioeconômico: as zonas cacaveiras, canavieiras e o sertão semiárido são as principais e históricas áreas com tal característica. Quando ocorre, a modernização é restrita, seletiva, o que ajuda a manter um padrão predominantemente tradicional (ARAÚJO, 1997, p. 17).

Não que resistir às mudanças seja uma escolha interna, mas, muitas vezes, elas são deliberações que vêm do externo à região via práticas de seletividade espacial. O que se percebe é um movimento avassalador por parte dos capitalistas em busca de lugares com possibilidades de oferecer as melhores condições de reprodução ampliada do capital e, nessa procura, ao se eleger determinado lugar para uso específico do seu território, as resistências locais são, na maioria das vezes, desconsideradas ou vencidas pelos interesses dos capitalistas investidores, não sendo raro contar com o apoio do Estado.

Ao se reportar mais detalhadamente para o semiárido, Araújo arremata conclusivamente o ocorrido na década de 1990:

[...] a crise do algodão (com a presença do bicudo e as alterações na demanda, no padrão tecnológico e empresarial da indústria têxtil modernizada na região e, mais recentemente, as políticas associadas ao Plano Real) contribuiu para tornar ainda mais difícil e frágil a sobrevivência do imenso contingente populacional que

habita os espaços dominados pelo complexo pecuária-agricultura de sequeiro. No arranjo organizacional local, o algodão era a principal (embora reduzida) fonte de renda dos pequenos produtores e trabalhadores rurais desses espaços nordestinos. Na ausência do produto, esses pequenos produtores são obrigados a levar ao mercado o reduzido excedente da agricultura alimentar tradicional de sequeiro (milho, feijão e mandioca), uma vez que a pecuária sempre foi atividade privativa dos grandes proprietários locais. Não é sem razão que nos momentos de irregularidade de chuvas ocorridos nos anos recentes, as tradicionais frentes de emergência (como são chamados os programas assistenciais do governo) alistam enorme número de agricultores (2,1 milhões de pessoas em 1993). Nessas áreas, nos anos de chuva regular, os pequenos produtores, rendeiros e parceiros produzem, mas não conseguem acumular: descapitalizados ao final de cada ciclo produtivo, são incapazes de dispor de reservas para enfrentar um ano seco. Nesse quadro, portanto, não houve mudanças significativas, e as que aconteceram, em geral, tiveram impactos negativos, como o desaparecimento da cultura do algodão. [...]. De positivo, cita-se a extensão da ação previdenciária, cobrindo parte da população idosa e assegurando renda (mínima, mas permanente) a muitas famílias sertanejas. Hoje, com frequência, os velhos sustentam os jovens nessa parte do Nordeste (ARAÚJO, 1997, p. 17).

A citação acima nada mais é do que o retrato da crise que afeta os subespaços mais frágeis do Nordeste, como o Seridó. Vale dizer que não se trata apenas de uma crise desencadeada pela cotonicultura, mas há questões mais gerais, que não podem ser explicadas unicamente pela escala regional. As modernizações capitaneadas pelo processo de globalização e suas implicações seletivas nos lugares, são processos que reproduzem a lógica capitalista de desenvolvimento desigual e combinado, operando uma nova divisão territorial internacional do trabalho que tem como escala, de fato, todo o mundo, exigente de papéis específicos de cada país, de cada fração territorial, não importando seu tamanho. Todas as regiões têm lugar e têm funções na globalização, não importa se elas aparecem em primeiro ou no último plano da economia, o fato é que todas estão participando de suas lógicas funcionais imperativas. Por isso, não se pode tentar explicar a crise da região por ela mesma, não se pode deixar de considerar o período da globalização, expressão do espaço-tempo do presente.

No Brasil, marcado historicamente pela desigualdade socioespacial, representada por uma questão regional persistente, a atuação do Estado em tempos recentes praticamente negou ou não quis mudar essa realidade ao adotar as políticas neoliberais e deliberar ações seletivas espacialmente e setorialmente, principalmente, a partir da década de 1990, quando implementou um conjunto

de medidas que reforçou as disparidades regionais através de estratégias conhecidas como o “**Brasil em Ação**” e do “**Avança Brasil**”. Segundo Tânia Bacelar de Araújo, a grande opção que estava na base desses projetos era a “integração competitiva dos ‘pedaços competitivos’ do Brasil na economia mundial”. Trata-se de uma política que “atua no sentido de levar melhorias de condição de competitividade para os polos dinâmicos, para os focos de dinamismo do país”, enquanto, em médio prazo, a tendência é “fortalecer a dinâmica dos mais fortes e deixar de fora os espaços menos competitivos, os espaços em reestruturação, e aqueles com dificuldades de se desenvolver” (ARAÚJO, 2006, p. 71). Em síntese, a ação do Estado em vez de corrigir distorções regionais, ao contrário, para aquelas mais frágeis ele aprofundou-as.

São políticas que têm como tendência “fortalecer quem já é forte e relegar ao abandono, temperado por algumas compensações de ordem social, quem ainda é fraco” (BITOUN, 2002). Esse contexto que se fortalece e ganha “musculatura” a partir de 1990, instala a competitividade como uma das faces do despotismo da globalização. A ideologia competitiva é fragmentadora da nação na medida em que “todos os atores sociais, e entre eles os governos subnacionais e locais, acham que devem competir, instituindo uma guerra permanente entre os lugares e as pessoas” (BITOUN, 2002). Para Ianni (2000, p. 51, grifos no original), “o que caracteriza a encruzilhada em que se encontra o Brasil na transição do século XX ao XXI é o **abandono e o desmonte do projeto nacional**, com as suas implicações político-econômicas e socioculturais”. Conforme ainda este autor, “está em curso **a transição de uma nação em província**, com a transformação do aparelho estatal em aparelho administrativo de uma província do capitalismo global”.

Se o Estado reforça a situação de letargia de certas regiões, na maioria das vezes, as grandes empresas também não encontram nelas um ambiente “adequado”, excluindo-as de seus investimentos. Esse é um círculo vicioso que se reproduz fazendo com que a região fique relativamente à margem das modernizações propiciadas pelo período, ou então, as receba pontualmente e/ou tardiamente em relação às regiões mais dinâmicas do país.

Na primeira década do século XXI, com um novo governo algumas mudanças foram implementadas na política do país, contudo, no caso específico no espaço agrário do Seridó, não se registra mudanças substanciais que sejam capazes de trazer de volta a força econômica e a importância do “mundo rural” seridoense.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidentemente que ao longo da história regional foram feitos acréscimos técnicos no território do Seridó, acompanhando as demandas urgentes da economia como também as tendências sucessivas do meio geográfico do país. Entretanto, em geral, essa região não acompanhou no mesmo ritmo as modernizações que iam sendo incorporadas em partes mais dinâmicas do território nacional. Esse recebimento tardio ou pontual das modernizações é uma característica regional que perdura até hoje. A objetivação dos imperativos técnicos e científicos que já se efetuam no território brasileiro mais notadamente a partir da década de 1970 só aparecerá mais nitidamente na região Seridó a partir dos anos de 1990, quando de fato, a globalização começa a ter mais força de império no país.

Contudo, atualmente novas atividades produtivas ou renovadas tentam mover a região. O conteúdo urbano já está bem presente no Seridó. Dessa maneira, em sua inserção no período atual, o meio regional recebe modernizações ainda que seletivas, mas que alteram a sua forma-conteúdo e redefinindo a região.

Se na época da colonização e até aproximadamente meados do século passado, o grande atrativo era “fazer” a vida no campo, no trabalho nas fazendas de gado, nas lavouras de algodão e alimentícias, mas, com as novas forças do período atual difundindo-se pelo território, esse “mundo rural tradicional” vai perdendo força e se mostrando fraco para se reproduzir, na medida em que o urbano ascende e, “estruturadas com as novas técnicas, mais dinâmicas que o campo e com outras oportunidades de trabalho, as cidades vão exercer sobre o meio rural a força de um buraco negro” (ARAÚJO, 2006, p. 253). Dessa forma, as modernizações que vão chegando à região e marcando a transição para o período da globalização, têm como principal expressão espacial a cidade. É ela quem ganha importância e dinamicidade com novas atividades econômicas, enquanto no “mundo rural tradicional” ficam as marcas do definhamento em suas paisagens, com várias casas de fazenda abandonadas e em ruínas, testemunhas de um tempo em que o “mundo rural” dominava e animava a vida no acontecer regional seridoense.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. Herança de diferenciação e futuro de fragmentação. Estudos Avançados. 1997, vol.11, n.29, p. 7-36.

ARAÚJO, Douglas. A morte do sertão antigo no Seridó: o desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia (1970-90). Fortaleza: BNB, 2006.

BITOUN, Jan. Nordeste: dimensões locais e regionais nas estratégias de desenvolvimento. In:

Observanordeste - Análises de Conjuntura. Nordeste: Regionalismo & Inserção Global.

Recife – PE: FUNDAJ/OBSERVANORDESTE, março/abril de 2002. Disponível em:

<<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 20 de set. de 2006.

ELIAS, Denise. Globalização e agricultura: a região de Ribeirão Preto – SP. São Paulo: Edusp, 2003.

FARIAS, Paulo Sergio Cunha. Os circuitos espaciais de produção e os círculos de cooperação do algodão colorido e derivados da Paraíba (2000-2008): uma dimensão geográfica da flexibilização do produto, da produção e do consumo de moda, fibras, têxteis e confecções. 2010. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

IANNE, Octávio. O Declínio do Brasil-nação. In: Estudos Avançados. São Paulo: IEA/USP. 14 (40), 2000.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). O Brasil, suas riquezas naturais, suas indústrias. Tomo 3 – Indústria de transportes, indústria fabril. Rio de Janeiro: IBGE/CNI, 1986.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – Ipeadata. Dados agropecuários. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em 11 de nov. 2014.

LACERDA, Antônio Corrêa de. O Impacto da globalização na economia brasileira. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1999.

SANTOS, Milton. A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: EDUSP, 2005.

SANTOS, Valeska Tatiana Silva. Reestruturação socioespacial do Seridó norte-riograndense: desafios e veredas construindo uma nova realidade. In: ARAÚJO, Maria Cristina Cavalcanti; SILVA, Valdenildo Pedro da. Rio Grande do Norte: temáticas contemporâneas da regionalização do território. Natal: CEFET-RN, 2007. p. 227-253.

SILVEIRA, Maria Laura. Um país, uma região. Fim de século e modernidades na Argentina. São Paulo: Fapesp/Laboplan, 1999.

Contato com o autor: [santiagovasconcelos@yahoo.com.br](mailto:santiagovasconcelos@yahoo.com.br)

Recebido em: 27/09/2014

Aprovado em: 20/12/2015